

V. I. Lénine (Recordações de Gorki) [1]

Máximo Gorki

[A publicar em 2 partes; hoje, publica-se a primeira]

Vladimir Lénine está morto¹.

Mesmo entre as hostes dos seus inimigos, alguns o reconhecem lealmente: na pessoa de Lénine, o mundo perdeu o homem *"que entre todos os grandes homens seus contemporâneos, era a mais viva encarnação do génio"*.

o jornal burguês alemão *Prager Tageblatt*, publicou sobre Lénine um artigo impregnado de uma admiração respeitosa diante dessa figura colossal, que terminava assim:

"Na própria morte Lénine parecia grande, inacessível e terrível».

Vê-se pelo tom do artigo que ele não é inspirado por esse prazer fisiológico expresso clinicamente neste aforismo: *"o cadáver de um inimigo cheira sempre bem"*, nem pela alegria que as pessoas sentem quando um grande homem turbulento os deixa – não, o orgulho do homem pelo homem ressoa altivamente nesse artigo.

A imprensa dos emigrados russos não encontrou em si nem a força nem o tato para falar da morte de Lénine com o respeito que demonstraram os jornais burgueses nos seus julgamentos acerca de um dos maiores representantes da vontade de vida e da intrepidez da razão.

É difícil traçar-lhe o retrato. Lénine, exteriormente, era todo palavras como o peixe é, exteriormente, todo de escamas. Era simples e reto como tudo aquilo que dizia.

O seu heroísmo era quase totalmente desprovido de brilho aparente; era feito dessa abnegação modesta, ascética, frequente no honesto intelectual-revolucionário na

¹ A primeira versão destas recordações remonta ao início de 1924 e tinha o nome de *"O Homem"*. Uma versão reduzida foi publicada numa revista, e a versão completa publicada no livro *"Recordações, relatos e notas"*, em Berlim, em 1927, e no volume XX das *"Obras de M. Gorki"*, em 1928, em Moscovo, nas Edições do Estado. Em 1930, Gorki enriqueceu o texto com novos elementos e essa redação definitiva apareceu em 1931, em edição especial.

Rússia, que tem uma fé inquebrantável na possibilidade da justiça social sobre a terra; o heroísmo do homem que renunciou a todas as alegrias do mundo para trabalhar duramente a favor da humanidade.

Aquilo que escrevi pouco tempo depois da sua morte, escrevi-o em um estado de desânimo, apressadamente e mal. Há coisas de que não podia falar por considerações de “*tato*”, perfeitamente compreensíveis, assim o espero. Esse homem era clarividente e sábio; mas “*numa grande sabedoria, há muita tristeza*”.

Via longe, diante de si, e, ao raciocinar, ao falar das pessoas, em 1919-1921, adivinhava, frequentemente sem se enganar, o que as pessoas seriam dentro de uns anos. Nem sempre eu queria crer nas suas previsões que, frequentemente, eram incômodas; infelizmente foram numerosos aqueles que justificaram as suas antecipações cétricas. As minhas recordações sobre ele foram, não só mal escritas, mas também sem espírito de continuidade, com lamentáveis lacunas. Eu devia ter começado pelo congresso de Londres², por esses dias em que Vladimir Ilitch se ergueu diante de mim em plena luz, iluminado pelas dúvidas e as desconfianças de uns, pela hostilidade manifesta, digamos mesmo o ódio de outros.

Ainda agora revejo nitidamente as paredes despidas da igreja em madeira, de uma mediocridade ridícula, nos confins de Londres, as janelas ogivais da sala pequena e estreita, que lembrava uma pobre sala de aulas. O edifício só se parecia com uma igreja por fora; dentro, ausência total de objetos do culto, e mesmo a pequena cátedra do pregador estava colocada, não ao fundo da sala, mas à entrada, entre duas portas.

Até ali não tinha encontrado Lénine, nem o tinha lido tanto como devia. Mas o que tinha conseguido ler, e sobretudo os relatos entusiastas dos camaradas que o conheciam pessoalmente, atraíam-me para ele fortemente. Quando nos apresentaram, apertou-me a mão vigorosamente, sondando-me com os olhos perspicazes, e disse-me com o tom jovial de um velho amigo³:

- É bom que tenha vindo. Gosta da luta, não é verdade? Aqui vai haver uma, e famosa.

Esperava ver um outro Lénine. Alguma coisa me parecia faltar, naquele. Pronunciava o r de uma maneira gutural, a mãos metidas nos sovacos, o ar decidido. E em geral era muito simples; não se sentia nele nada de um “*chefe*”. Sou escritor: a minha profissão obriga-me a notar os pormenores, essa obrigação tornou-se um hábito, até às vezes importuno.

Quando me “*levaram*” junto de G. Plekhanov, ele estava de pé, os braços cruzados no peito, e olhava severamente, com ar bastante aborrecido, tal como um chefe fatigado pelas suas obrigações olha um novo aluno. Disse-me uma frase muito banal: - Sou um admirador do seu talento. – Aparte isso, não disse nada que a minha memória tivesse retido. E durante todo o congresso nem ele nem eu tivemos vontade de nos falarmos “*de coração aberto*”.

² Gorki tomou parte nos trabalhos do quinto congresso do P.O.S.D.R., em Londres, como delegado, com voto deliberativo, de 30 de abril a 19 de maio de 1907. (N. do T.)

³ Em carta de 1934, Gorki diz ter já encontrado Lénine em Petersburgo, em 27 de novembro de 1905.

Ao passo que aquele homem calvo, com os rr guturais, robusto, de olhos extraordinariamente vivos, onde brilhava uma carícia, esfregando com uma das mãos a fronte socrática e abanando com a outra a minha mão, começou imediatamente a falar dos defeitos de *A Mãe*; soube que ele tinha lido o manuscrito, emprestado por I. Ladyjnikov. Disse-lhe que tinha escrito aquele livro apressadamente, mas não tive tempo de lhe explicar porquê – Lénine fez com a cabeça um sinal afirmativo e explicou ele próprio; tinha feito muito bem em me apressar, o livro era necessário; muitos operários tinham participado no movimento revolucionário inconscientemente, espontaneamente; agora leriam *A Mãe* com grande proveito.

- Esse livro vem precisamente a tempo. – Esse cumprimento, o único que me fez, era para mim extremamente precioso. Depois perguntou-me num tom de quem fala de negócios se *A Mãe* tinha sido traduzida; em que medida as censuras russa e americana tinham alterado o texto; quando soube que o autor ia ser processado, fez uma careta; depois, levantando a cabeça com os olhos fechados, deixou rebentar uma gargalhada extraordinária; o riso dele fez aproximar alguns operários, Tomás do Ural, segundo me lembro, e mais dois ou três.

Sentia-me feliz, achava-me no meio de três centenas de membros de escol do partido, sabia que eles tinham sido delegados ao Congresso por cento e cinquenta mil operários organizados. Via diante de mim todos os líderes do partido, os velhos revolucionários: Plekhanov, Axelrod, Deutsch. A minha excelente disposição era perfeitamente natural e o leitor compreendê-la-á se lhe disser que vivia já há dois anos longe da minha pátria, e o meu moral tinha baixado bastante.

Tinha começado a baixar em Berlim, onde eu tinha visto quase todos os grandes chefes da social-democracia; tinha jantado em casa de August Bebel, ao lado do obeso Singer e de outras personalidades eminentes.

Jantávamos num apartamento espaçoso confortável, onde as gaiolas dos canários estavam elegantemente cobertas com panos bordados; outros panos, igualmente bordados, estavam presos com alfinetes na cabeceira das poltronas e sofás, para que a nuca dos ocupantes não sujasse os estofos. Tudo à volta era sólido, imponente; todos comiam solenemente e trocavam solenes expressões:

- Mahlzeit!

Esta palavra era-me desconhecida, mas eu conhecia a palavra francesa “*mal*” e sabia que a palavra alemã “*zeit*” quer dizer “*tempo*”. Conclusão: mau tempo.

Singer tinha apelidado Kautsky, por duas vezes, de “*meu romântico*”. Bebel, com o seu nariz aquilino, parecia-me um pouco enfatado. Bebia-se vinho do Reno e cerveja; o vinho era amargo e morno, a cerveja muito boa; falava-se da revolução e do partido social-democrata com azedume e um tom condescendente; mas falavam muito bem do partido deles, do partido alemão. Em geral era tudo cheio de suficiência, e sentia-se que as próprias cadeiras eram felizes por suportarem as pesadas, mas quão respeitáveis, nádegas dos chefes.

Eu tinha tido um problema “*delicado*” com o partido alemão: um dos seus membros em evidência, que se tornou mais tarde o famoso Parvus, tinha recebido das Edições “*Znanié*” procuração para receber os direitos de autor pagos pelos teatros alemães que representavam a minha peça *Albergue Noturno*. Tinha recebido essa procuração em 1902, na estação de Sebastopol, onde chegara clandestinamente. O dinheiro recolhido devia ser repartido do seguinte modo: ele ficava com 20% da soma total; o resto era partilhado assim: eu recebia um quarto e os três quartos eram entregues à caixa do Partido Social-Democrata. Evidentemente, Parvus sabia desta condição e tinha-se mostrado encantado. Em quatro anos a peça foi montada por todos os teatros alemães; só em Berlim teve mais de quinhentas representações. No total, Parvus tinha recebido, segundo creio, mais de cem mil marcos. Mas em vez do dinheiro, enviou às Edições “*Znanié*” uma carta endereçada a K. Piatnitski, em que comunicava com simplicidade que tinha despendido todo o dinheiro a viajar com uma rapariga, na Itália. Dado que essa viagem, provavelmente muito agradável, não me atingia senão em um quarto, julguei-me no direito de lembrar ao Comité Central do Partido Alemão os três quartos restantes. A informação foi dada por intermédio de I. Ladyjnikov. O Comité Central mostrou-se indiferente à viagem de Parvus. Mais tarde, ouvi dizer que Parvus tinha sido privado de não sei que títulos do partido. Para falar com franqueza, eu teria preferido que lhe puxassem as orelhas. Algum tempo depois mostraram-me em Paris uma bela mulher, informando-me ter sido ela quem viajara com Parvus.

“*Minha cara - pensei eu - és bem cara!*”

Em Berlim tinha encontrado escritores, pintores, mecenas e outras pessoas: distinguiam-se pelo seu grau de suficiência e de fatuidade.

Na América vi frequentemente Maurice Hilquit, que queria ser “*mayor*” ou governador de Nova Iorque; o velho Debs que, fatigado e solitário, imprecava contra tudo e contra todos: acabava de sair da prisão; vi uma enorme variedade de pessoas e de coisas, mas não encontrei ninguém que tivesse compreendido toda a profundidade da revolução russa. Em toda a parte eu sentia que a consideravam “*um caso especial da vida europeia*”, e como que um fenómeno habitual naquele país onde “*há sempre a epidemia de cólera ou a revolução*”, a acreditar numa curiosa “*lady*” que simpatizava com o “socialismo”⁴.

L. Krassine tinha sugerido a minha viagem à América para coletar fundos em proveito da caixa dos “*bolcheviques*”; V. Vorovski devia acompanhar-me na qualidade de secretário e de organizador das minhas intervenções. Ele sabia bem inglês, mas o partido acabou por lhe confiar outra missão e foi N. Burenine, membro do grupo de choque do Comité Central Bolchevique que partiu comigo. Não tinha “*língua*”, começou a estudá-la durante a viagem e depois de lá estar. Os socialistas-revolucionários, ao saberem qual o fim da minha viagem, manifestaram por ela um interesse juvenil. Enquanto me encontrava ainda na Finlândia, Tchaïkovski e Jitlovski vieram ter comigo e convidaram-me a coletar dinheiro não para os

⁴ Gorki refere-se, é evidente, à revolução falhada de 1905.

bolcheviques, mas sim para “*a revolução em geral*”. Declinei a “*revolução em geral*”. Então enviaram à América a “*avó*”⁵.

Foi assim que duas pessoas, independentemente uma da outra e nunca se tendo encontrado, se apresentaram diante dos americanos e começaram a recolher fundos visivelmente para duas revoluções diferentes; os americanos, é claro, não tinham tempo nem vontade para se interrogarem acerca de qual das duas seria a melhor, a mais séria. Creio que eles já conheciam a “*avó*”; os amigos dela, americanos, tinham-lhe feito bom reclame, ao passo que a embaixada czarista, a mim, presenteou-me com um escândalo. Os camaradas americanos que também olhavam a revolução russa como um “*assunto privado que tinha sucumbido*” consideravam um pouco “*liberalmente*” as somas recolhidas por mim durante os comícios; no total, recolhi poucos dólares, menos de 10 000. Decidi “*fazer dinheiro*” nos jornais, mas também na América se encontra um Parvus; no conjunto, a viagem não foi bem sucedida; mas foi lá que escrevi *A Mãe*, e é isso que explica certos “*lapsos*”, certos defeitos do livro.

Depois fui para a Itália, para Capri; lá, mergulhei na leitura dos jornais e dos livros russos: também isso fez baixar fortemente o meu moral. Se um dente extraído do alvéolo fosse capaz de sentir, sentir-se-ia tão solitário como eu. Estava francamente admirado pela rapidez e habilidade de circo com que as pessoas que eu tinha conhecido saltavam de uma “*plataforma*” para a outra.

Revolucionários de acaso, batidos, assustados, furiosos contra eles próprios e contra as pessoas que os tinham arrastado para uma “*empresa desesperada*” chegavam da Rússia.

- Está tudo perdido! – diziam eles. - Tudo desfeito, exterminado, deportado, metido nas prisões!

Havia muitas coisas visíveis, mas nada de alegre. Um hóspede, chegado da Rússia, escritor de talento, aplicava-se em demonstrar-me que eu tinha, por assim dizer, representando o papel de Luka, da minha peça *O Albergue Noturno*: eu tinha chegado, tinha lançado aos jovens uma certa quantidade de palavras consoladoras, eles tinham-me acreditado e tinham recebido pauladas no lombo enquanto eu optava pela fuga. Outro afirmava que a “*tendência*” me tinha devorado, que eu era um “*homem acabado*” e que se eu recusava o “*baile*” era apenas por ele ser “*imperial*”. Em geral, havia muitas coisas ridículas, estúpidas e, frequentemente, tinha a impressão de que o vento trazia, da Rússia, uma poeira pútrida.

E de repente, tal como as coisas se passam sempre nos contos de fadas, vi-me no congresso do Partido Social-Democrata da Rússia. Era realmente uma festa!

Mas não senti o coração festivo senão na primeira sessão, até à entrada nos debates da “*ordem do dia*”. O furor desses debates arrefeceu bem depressa os meus entusiasmos, e não tanto por ter visto a que ponto o partido estava cindido em reformadores e revolucionários – isso já o sabia desde 1903 –, mas porque via a hostilidade dos reformadores para com Lénine. Essa hostilidade animava todos os

⁵ A socialista-revolucionária Brechko-Brechkovskaia.

discursos deles e jorrava como água sob uma alta pressão, jorrando de uma velha mangueira de incêndio.

Nem sempre o que se diz é que importa, mas sim a maneira como se diz. Ao abrir o congresso, Plekhanov, semelhante a um pastor protestante na sua sobrecasaca abotoada de alto a baixo, falava como um catequista convicto de que os seus pensamentos são indiscutíveis, que cada uma das suas palavras e das suas pausas é preciosa. Com uma grande arte, suspendia acima das cabeças dos congressistas belas frases torneadas, e quando, nos bancos dos bolcheviques, alguém cochichava com um

camarada, o respeitável orador, após uma curta pausa, atravessava-o com o olhar como se fosse com um prego.

Plekhanov mostrava sobretudo afeição por um dos botões da sua sobrecasaca: acariciava-o incessantemente com o dedo, com ternura, e, durante as pausas, apoiava-o sobre ele como se fosse um botão de campainha – poder-se-ia crer que era precisamente essa pressão do dedo que interrompia o curso harmonioso do seu discurso. Numa das sessões, Plekhanov, ao preparar-se para responder a alguém, cruzou os braços no peito e lançou com força uma gargalhada de desprezo:

- Khé-Khé!

Isto provocou a hilaridade nos bancos dos operários bolcheviques. Plekhanov ergueu as sobrancelhas e a face empalideceu: eu digo a face porque eu estava sentado de lado, em relação à tribuna, e via de perfil o rosto dos oradores.

Durante o discurso de Plekhanov na primeira sessão, Lénine, sentado nos bancos dos bolcheviques⁶, agitava-se ainda mais do que os outros: ora se dobrava como que sob o efeito do frio, ora se abria como se tivesse muito calor; enfiava os polegares nos sovacos, esfregava o queixo, abanava a cabeça e cochichava qualquer coisa a M. Tomski. Quando Plekhanov declarou: “*Não há revisionistas no partido*”, Lénine curvou-se, a calva ficou vermelha, um riso silencioso sacudiu-lhe os ombros; os operários que se sentavam ao lado dele e atrás dele, sorriram igualmente; do fundo da sala, uma forte voz de baixo atirou com um tom desabrido:

- E esses que se sentam do outro lado, quem são?

O atarracado Fedor Dan falava no tom de um homem que tem como filha a autêntica verdade; ele a engendrara, ele a educara e continuava a formá-la. Na opinião dele, Fedor Dan era a encarnação perfeita de Karl Marx, ao passo que os bolcheviques eram rapazes ignorantes, inconvenientes, o que ficava claramente provado pela atitude deles em relação aos mencheviques que “*contam todos os teóricos eminentes do marxismo*”, declarou ele.

⁶ O Partido Social-Democrata, fundado em 1898, em Minsk, tinha-se cindido no 2.º Congresso, em 1903, em duas correntes: a dos bolcheviques (de *bolchinstvo*: maioria) e a dos mencheviques (de *menchinstvo*: minoria). (N. do T.)

- Vocês não são marxistas - disse ele com um tom desdenhoso, lançando no ar o punho amarelado, para a direita. – Não, vocês não são marxistas.

Um dos operários perguntou:

- E quando voltam vocês a tomar chá em casa dos liberais?

Não me recordo se Martov tomou a palavra na primeira sessão. Esse homem, extraordinariamente simpático, falava com um ardor juvenil; eu tinha a impressão de que ele sentia profundamente o drama da cisão, a dor das contradições.

Todo o corpo dele tremia, balouçava-se, desabotoava convulsivamente o colarinho da camisa engomada, remava com os braços; o punho saía da manga do jaquetão, cobrindo-lhe a mão: ele levantava o braço no ar e sacudia-o para fazer reentrar o punho da camisa no seu lugar. Parecia-me que Martov não procurava demonstrar, mas que suplicava, implorava: é necessário impedir a cisão, o partido é demasiado fraco para se cindir em dois, o operário tem necessidade, em primeiro lugar, de “*liberdades*”, é preciso sustentar a Duma. Por momentos, a sua primeira intervenção era quase histérica; a abundância de palavras tornava-a incompreensível, e o próprio orador produzia uma penosa impressão. No final do discurso, e sem qualquer ligação com ele, aparentemente, com um tom apesar de tudo “*combativo*”, pôs-se a gritar com o mesmo ardor contra os destacamentos de combate e, em geral, contra a atividade que visava a preparar a insurreição armada. Recordo-me de que nos bancos dos bolcheviques alguém exclamou estupefacto:

- Parece impossível!

E M. Tomski, salvo erro, comentou:

- Talvez seja necessário cortar-nos também as mãos para sossegar o camarada Martov.

Repito: não estou certo de que Martov tenha falado na primeira sessão: mencionei-o apenas para contar *como* falava.

Depois daquele discurso os operários conversavam, com ar sombrio, no aposento que precedia a sala das sessões:

- No que ele se transformou! Dizer que era um “*iskriste*” !

Eles mudam, os camaradas intelectuais.

Rosa Luxemburgo falou bem, com paixão e violência; ela manejava maravilhosamente a arma da ironia. Mas, de súbito, Vladimir Ilitch sobe à tribuna; articula guturalmente: - Camaradas! - Parece-me que ele não fala bem; mas ao fim de um minuto estou, como todos os outros, arrebatado pelo seu discurso. Era a primeira vez que ouvia falar tão simplesmente dos problemas políticos mais complicados. Não tentava fazer belas frases, mas apresentava cada palavra como que na palma da mão, pondo o seu significado exato a claro com um à vontade extraordinário. É muito difícil descrever a impressão extraordinária que Lênine produzia.

O braço, estendido para a frente e ligeiramente levantado, a mão que parecia pesar cada palavra, rejeitar as frases dos adversários para as substituir por teses sólidas, pelas provas do direito e do dever que a classe operária possuía para traçar o seu caminho e não para marchar atrás da burguesia liberal, nem mesmo a seu lado – tudo isso era extraordinário e parecia ser dito por Lênine não em seu próprio nome, mas efetivamente por vontade da história. O seu discurso era harmonioso, acabado, franco e poderoso. Estava ali inteiro, na tribuna, como uma obra de arte clássica: nada falta e nada sobra, sem ornamentos, se acaso existem não se veem, são tão naturalmente necessários como o nariz no meio do rosto ou os cinco dedos da mão.

Do ponto de vista do tempo, falou menos do que os oradores que o tinham precedido; mas a impressão produzida foi muito mais forte; eu não era o único a tê-lo sentido; atrás de mim cochichavam com admiração:

- Ele fala com vigor ...

E era verdade; todos os seus argumentos se impunham pela força que os impregnava.

Os mencheviques não se acanhavam em dar a entender que o discurso de Lênine lhes era desagradável, e ele próprio, mais do que desagradável. Quanto mais ele era convincente a demonstrar a necessidade, para o partido, de se elevar à altura da teoria revolucionária, afim de verificar a Ação prática sob todos os seus aspetos, mais raivosamente eles lhe interrompiam o discurso.

- O congresso não é uma aula de filosofia!

- Não vale a pena querer-nos dar lições, não somos alunos.

Um forte, barbudo, com uma cabeça de lojista, mostrava sobretudo zelo; saltava do banco e gritava gaguejando:

- Co-onspira-dores ... Vocês brincam aos cons-pi-radores! B-blanquistas!

Rosa Luxemburgo ouvia com ar aprovador; numa das sessões seguintes ela disse claramente aos mencheviques:

- Vocês não estão na plataforma do marxismo, vocês estão sentados, estão mesmo deitados em cima do marxismo⁷.

Um vento mau, feito de irritação, de ironia, de ódio, soprava pela sala; centenas de olhos iluminavam diversamente a figura de Vladimir Ilitch. Os ataques odiosos não pareciam emocioná-lo; ele falava ardentemente, mas pausadamente, com calma; alguns dias mais tarde eu soube o que lhe tinha custado essa calma aparente. Era estranho e doloroso ver que ele suscitava o ódio, ao desenvolver uma ideia tão natural como esta: só do alto da teoria o partido pode ver as causas dos desacordos que o dividem. Eu tinha a impressão de que cada dia do congresso dava a Vladimir Ilitch forças novas, tornava-o mais vivo, mais seguro de si; de que, de dia para dia, os seus

⁷ Essas palavras não foram pronunciadas por R Luxemburgo, mas sim por um delegado polaco, L. Tyszka.

discursos ganhavam em firmeza e que todo o sector bolchevique dos congressistas se tornava mais resolutivo, mais consistente. Além dos discursos de Lênine, aquilo que me emocionou quase ao mesmo nível foi o discurso magnífico e violento que Rosa Luxemburgo pronunciou contra os mencheviques.

Lênine passava as suas horas, os seus minutos livres, entre os operários; interrogava-os acerca dos mais ínfimos pormenores das suas condições de existência.

- E então, as mulheres? Consomem todo tempo com o trabalho da casa? Estudam, leem, apesar de tudo?

Em Hyde Park, que tinham visto Lenine pela primeira vez, falavam sobre o seu comportamento no congresso. Um deles caracterizou-o assim:

- Não sei, talvez aqui, na Europa, os operários tenham um homem tão inteligente como ele, Bebel ou qualquer outro. Mas não creio que possam ter um, assim, um que eu pudesse estimar à primeira vista.

Outro operário acrescentou, sorrindo:

- Ah, sim, aquele é dos nossos.

Alguém replicou:

- Plekhanov também é dos nossos.

Ouvi uma resposta bem achada:

- Plekhanov é o nosso educador, o nosso mestre. Ao passo que Lênine é nosso chefe e nosso camarada.

Um jovem gracejador, observou:

- O que aborrece Plekhanov é a sobrecasaca.

Outro episódio: íamos para o restaurante e um operário menchevique abordou Lênine. Vladimir Ilitch abrandou o passo enquanto os seus companheiros prosseguiam a marcha. Quando ele chegou ao restaurante, cinco minutos mais tarde, disse, com a testa enrugada:

- É estranho como um rapaz tão ingénuo pode ter sido delegado ao congresso do partido! Perguntou-me qual era a verdadeira causa das divergências. Respondi-lhe: os seus camaradas desejam ter assento no Parlamento, ao passo que nós estamos convencidos de que a classe operária se deve preparar para a batalha. Creio que ele compreendeu...

Jantávamos sempre juntos num restaurante barato. Eu tinha reparado que Vladimir Ilitch comia muito pouco: uma omeleta de dois ou três ovos, uma fatia de presunto e bebia um copo de cerveja preta, espessa. Via que ele se esquecia de si mesmo, e

impressionava-me a sua comovente solicitude para com os operários. M. Andreeva⁸ ocupava-se com a alimentação deles. Ele perguntava -lhe:

- Que lhe parece? Não ficarão com fome? Não? Hum, hum ... Talvez seja preciso arranjar-lhes mais sandes.

Veio ao hotel onde eu me hospedara. Que vejo? Com ar preocupado põe-se a apalpar a roupa da cama.

- Que está a fazer?

- Estava a ver se os lençóis não estariam húmidos.

Não compreendi imediatamente: porque queria ele saber como estão os lençóis em Londres? Notando a minha surpresa, explicou:

- Deve ter cuidado com a sua saúde.

No Outono de 1918 perguntei a Dmitri Pavlov, um operário de Sormovo, qual era, na opinião dele, a característica mais saliente de Lénine:

- A simplicidade. Ele é simples como a verdade.

Disse-me aquilo como algo maduramente refletido, algo decidido há muito tempo.

É sabido que um homem é julgado pelo seu pessoal mais severamente do que por ninguém. Mas Guill, o motorista de Lénine, um homem de experiência, dizia:

- Lenine é um homem aparte. Não há dois como ele. Um dia conduzia-o pela rua Miasnitskaïa: a circulação era intensa, eu rolava com muita dificuldade e temia que me estragassem o automóvel. Conduzia com nervosismo. Ele abriu a porta detrás e veio até mim pelo estribo lateral para me dizer: - Guill, por favor não se enerve. Role como toda a gente. - Eu sou um velho motorista e sei perfeitamente que ninguém faria semelhante coisa.

É difícil pintar, representar a naturalidade e a maleabilidade com que todas as impressões de Lénine se fundiam numa só torrente.

Tal como a agulha de uma bússola, o pensamento dele estava sempre orientado para os interesses da classe trabalhadora. Em Londres, uma noite em que estávamos livres, fomos em grupo ao “*music-hall*” num pequeno teatro democrático. Vladimir Ilitch ria francamente, com um riso comunicativo, ao ver os *clowns*, os artistas excêntricos e considerava todo o resto com olhos indiferentes; olhou com atenção especial o abater das árvores por operários da Colômbia Britânica. A cena representava um acampamento na floresta; dois rapazes vigorosos cortavam a machado, em um minuto, um tronco de árvore de um metro de diâmetro.

⁸ Maria Andreeva, atriz russa, mulher de Máximo Gorki.

- Isto é para a galeria evidentemente. Na realidade eles não podem trabalhar assim - disse Ilitch.- Mas uma coisa é certa: é que também lá eles trabalham com o machado e transformam um bosque numa montanha de cavacos que não servem para nada. Venham-me cá falar da civilização inglesa!

Falou da anarquia da produção no regime capitalista, da enorme percentagem de matérias primas estragadas inutilmente, e terminou exprimindo o seu desgosto por ninguém ter pensado, até então, em escrever um livro sobre esse assunto. Para mim havia algo de obscuro nesse pensamento, mas não tive tempo de pedir esclarecimentos a Vladimir Ilitch. Já estava a falar de uma maneira muito atraente acerca do “*excentrismo*” como forma especial da arte teatral.

- Há nisso uma atitude satírica ou cética em relação a coisas normalmente admitidas, a tendência para voltar tudo do avesso, desfigurar um pouco, mostrar o ilogismo das coisas habituais. É complicado, mas curioso.

Dois anos mais tarde, em Capri, conversando acerca do romance utópico com A. Bogdanov - Malinovski, disse-lhe:

- Devia escrever para os operários um romance que mostrasse como os capitalistas ávidos pilharam a terra, desperdiçaram o petróleo, o ferro, a madeira, o carvão. Seria um livro muito útil, senhor adepto de Mach!

No momento de nos separarmos, em Londres, disse-me que viria sem falta repousar em Capri.

Mas antes de ele ter feito essa viagem, vi-o em Paris, num pequeno alojamento de estudante, formado por dois aposentos, alojamento de estudante pelas suas dimensões, mas não pela limpeza e pela ordem rigorosa que ali reinava. Nadejda Konstantinovna preparou-nos o chá e saiu, deixando-nos sozinhos. Nessa época, as Edições “*Znanié*” estavam-se a desagregar, e eu tinha ido ter com Lénine para lhe falar da organização de um novo centro editorial que reuniria, tanto quanto possível, todos os nossos escritores. Ofereci a direção desse Centro, no estrangeiro, a Vladimir Ilitch, V. Vorovski e ainda a outro camarada; na Rússia, as edições deviam ser representadas por V. Desnitski – Stroïev.

Parecia-me ser necessário escrever a história das literaturas ocidentais e da literatura russa, a história da cultura, que forneceriam aos operários uma abundante documentação para se poderem instruir eles mesmos e fazer propaganda.

Mas Vladimir Ilitch demoliu aquele plano, lembrando-me a censura, a dificuldade de organizar a nossa gente; a maior parte dos camaradas estava ocupada com um trabalho político e não tinha tempo para escrever. Mas o seu principal argumento, o mais convincente para mim, foi mais ou menos este: não é o momento de escrever grandes livros; são os intelectuais quem se nutre de grandes livros; ora, como vê, eles afastam-se do socialismo para o liberalismo, e não podemos desviá-los do caminho que escolheram. Precisamos de jornais, de brochuras; seria bom restabelecer a

Biblioteca Popular da “Znanié”; mas na Rússia existe a censura; lá é impossível por isso, e aqui por causa dos meios de transporte; precisamos de lançar entre as massas dezenas, centenas de milhares de manifestos; é impossível transportar ilegalmente essa massa de literatura. Esperemos tempos melhores para organizar essas edições.

Com a vivacidade e a limpidez surpreendentes que lhe eram próprias, falou da Duma e dos cadetes⁹ que “*tinham vergonha de serem outubristas*”; disse que “*diante deles só havia um caminho, o que conduzia à direita*”; depois deu várias provas da eminência de uma grande guerra e “*provavelmente não só uma, mas toda uma série de guerras*”. Aquela previsão em breve se verificou nos Balcãs.

Levantou-se, enfiou os polegares nas cavas do colete com um gesto habitual, e passou lentamente no quarto estreito; piscando os olhos brilhantes, disse-me:

- Vem aí a guerra. É inevitável. O mundo capitalista atingiu um estado de fermentação pútrida; agora as pessoas estão intoxicadas pelo veneno do *chauvinismo* e do nacionalismo. Penso que teremos em breve uma guerra europeia. O proletariado? O proletariado não terá provavelmente força para conjurar a pugna sangrenta. Como se poderia fazê-lo? Com uma greve geral de todos os operários da Europa? Para isso, não estão suficientemente organizados, conscientes. Essa greve seria o início da guerra civil; somos políticos realistas não podemos contar com isso.

Parou, esfregou a sola no soalho e disse, com ar sombrio:

- Evidentemente, o proletariado vai sofrer imenso, é a sua sorte por agora. Mas os seus inimigos enfraquecer-se-ão mutuamente. Isso também é inevitável.

Aproximando-se de mim, disse com espanto, ao que parecia, e com força, mas sem elevar a voz:

- Pense nisto: porque é que os saciados levam os famintos a matarem-se uns aos outros? Pode-me apontar um crime mais estúpido e mais ignóbil? Os operários vão pagá-lo terrivelmente caro, mas no fim das contas são eles que hão de ganhar. É essa a vontade da história.

Falava frequentemente da história, mas, no que dizia nunca senti qualquer veneração fetichista pela sua vontade e pela sua força.

Com a emoção do que dizia sentou-se à mesa, enxugou a fronte coberta de suor, bebeu um golo de chá frio e perguntou de repente:

- Como foi esse escândalo que houve consigo na América? Soube disso pelos jornais. Mas como aconteceu isso, realmente?

⁹ A Duma era o Parlamento consentido pelo Czar após 1905. Os cadetes eram os membros do partido do centro, Constitucional-Democrático, cujas iniciais em russo são K.D.

Contei-lhe rapidamente as minhas aventuras¹⁰.

Nunca vi um homem cujo riso fosse tão comunicativo. Era mesmo estranho o espetáculo de ver que aquele severo realista, aquele homem que via tão bem, que sentia tão profundamente a eminência das grandes tragédias sociais, aquele homem intransigente, inflexível no seu ódio ao mundo capitalista, podia rir como uma criança, rir até às lágrimas, abafar de riso. É preciso possuir uma grande e bela saúde moral para rir assim.

- Oh, afinal Gorki é um humorista! – disse ele, através do seu riso. – Nunca teria pensado ... Nem imagina como é engraçado ...

Limpendo as lágrimas provocadas pelo riso, disse com seriedade, arvorando um bom e amável sorriso:

- É bom que possa suportar os insucessos como humorista. O humor é uma qualidade santa e magnífica. Compreendo muito bem o humor embora não o possua. Ora, na vida, não há talvez menos coisas engraçadas do que tristes. Não me parece que haja menos, digo-lhe isto muito a sério.

Ficou combinado que o voltaria a ver dois dias depois; mas o tempo estava péssimo, à noite cuspi sangue com abundância, e no dia seguinte fui-me embora.

Depois de Paris encontrámo-nos em Capri. Fiquei com uma impressão muito estranha dessa visita. Como se Vladimir Ilitch tivesse ido a Capri duas vezes, num estado de espírito absolutamente diferente¹¹.

Um Ilitch que, desde que me encontrou no cais, declarou imediatamente e resolutamente:

- Eu sei, Alexis Maximovitch, que espera realmente ter a possibilidade de me reconciliar com os adeptos de Mach, embora o tenha prevenido na minha carta: é impossível. Por isso não faça qualquer tentativa, peço-lhe.

Pelo caminho, e depois de chegarmos, tentei explicar-lhe que ele não tinha inteiramente razão; eu não tinha intenção de reconciliar divergências filosóficas, que, de resto, seja dito em abono da verdade, eu próprio não compreendia muito bem. Ainda por cima eu estava infetado, desde a minha juventude, por uma desconfiança em relação a qualquer filosofia, e a razão dessa desconfiança tinha sido e era a divergência da filosofia com a minha própria experiência “*subjetiva*”: para mim, o mundo apenas começava a “*organizar-se*” e a filosofia caía-lhe em cima e perguntava de um modo absolutamente deslocado e inoportuno:

- Onde vais? Porque é que avanças? Porque pensas?

¹⁰ Em 1905, Gorki foi aos Estados Unidos para recolher fundos para o partido a que pertencia. Viajava com a mulher que o acompanhou até à morte, a atriz Maria Andreeva. Não eram casados e a Embaixada Russa mexeu-se de tal modo que, por esse facto, Gorki viu-se expulso do hotel onde se hospedara. Recebeu os jornalistas no passeio, sentado em cima das malas. (N. do T.)

¹¹ Gorki foi visitado por Lénine, em Capri, duas vezes: em abril de 1908 e em julho de 1910.

Alguns dos filósofos comandavam pura e simplesmente: “*Pára!*”

Além disso já sabia que a filosofia, tal como uma mulher, pode ser muito feia, mesmo monstruosa, mas vestida tão habilmente e de maneira convincente, que se pode tomá-la por uma beleza. Isso fez rir Vladimir Ilitch.

- Isso é para rir - disse ele. - Mas que o mundo ainda só está a começar a organizar-se, isso é verdade. Deve pensar nisso muito a sério. E acabará por chegar ao ponto a que já devia ter chegado há muito.

Depois disse-lhe que na minha opinião, A. Bogdanov, A. Lunatcharski e V. Bazarov eram homens eminentes, perfeitamente cultos e que não tinha encontrado ninguém no partido que os pudesse igualar.

- Admitamos. E que se conclui daí?

- No fim de contas considero que esses homens prosseguem o mesmo fim. Ora, a unidade dos fins, profundamente compreendida e assimilada, deveria suprimir as contradições filosóficas ...

- Portanto, a sua esperança numa reconciliação mantém-se. Não tem razão – disse ele. – Expulse-a para o mais longe possível, é um conselho de amigo. Na sua opinião, Plekhanov é também homem do mesmo fim; pois bem, eu, aqui entre nós, penso que o fim dele é outro, embora ele seja materialista e não metafísico.

A nossa conversa ficou por ali. Penso que é inútil lembrar que a não reproduzi literalmente. Mas não duvido da exatidão do sentido.

E vi diante de mim um Vladimir Ilitch ainda mais firme, mais inflexível do que o tinha sido no Congresso de Londres. Mas lá ele enervava-se, e havia momentos em que se sentia nitidamente que a cisão no partido lhe custava momentos muito penosos.

Aqui, o seu humor era calmo, um pouco frio e zombeteiro; evitava estritamente qualquer entrevista sobre temas filosóficos e, de um modo geral, mantinha-se de pé atrás. A. Bogdanov, homem extremamente simpático, delicado e admirador de Lénine, mas possuidor de amor-próprio, foi obrigado a ouvir palavras mordazes e muito duras.

- Schopenhauer disse: “*Quem pensa claramente exprime-se claramente...*”. Na minha opinião ele nunca disse nada de melhor. Camarada Bogdanov, o senhor exprime-se confusamente. Explique-me em duas ou três frases o que dá a sua “*substituição*” à classe operária e porque razão as teorias de Mach são mais revolucionárias do que as de Marx?

Bogdanov tentou explicar; mas ele falava, efetivamente, de um modo confuso e verboso.

- Deixe lá - aconselhou Vladimir Ilitch. - Alguém, suponho que foi Jaurès, disse que era “*melhor dizer a verdade do que ser ministro*”; e eu acrescentaria: e adepto de Mach.

Depois jogou apaixonadamente o xadrez com Bogdanov; quando perdia zangava-se, ficava triste como uma criança. É de notar que essa tristeza infantil, tal como o seu riso inesperado em nada afetava a harmonia do seu caráter.

Havia em Capri outro Lénine um excelente camarada, um homem alegre que se interessava vivamente e sem enfraquecimento por toda a gente mostrava-se de uma delicadeza surpreendente para com as pessoas.

À noite, quando todos tinham ido passear, disse-nos – a M. Andreeva e a mim – tristemente, com profunda mágoa:

- São homens inteligentes, dotados, têm feito muito pelo partido, teriam podido fazer dez vezes mais, mas não marcharão a nosso lado. Não podem. Este regime criminoso quebra, mutila dezenas e centenas de homens como estes.

Outra vez disse-me:

- Lunatcharski regressará ao partido, ele é menos individualista do que os outros dois. É um temperamento rico, como se veem poucos. “*Tenho um fraco por ele*”. Que diabo de coisa estúpida: ter um fraco! Estimo-o, 28 sabe? É um excelente camarada! Há nele uma espécie de brio francês. A sua instabilidade, que vem do seu esteticismo, também é francesa.

Interrogou-me pormenorizadamente sobre a vida dos pescadores de Capri, os seus salários, a influência do clero, a escolaridade: a amplidão da sua curiosidade não parava de me espantar. Quando lhe apontámos um padre, filho de um pescador pobre, pediu imediatamente que lhe arrandassem as seguintes informações: os camponeses colocam frequentemente os filhos no seminário, e esses filhos de camponeses voltam à sua aldeia para serem padres, nela?

- Está a compreender isto? Se não é um fenómeno accidental, é então a política do Vaticano. Uma política astuciosa!

Não me é possível recordar outro homem que, encontrando-se colocado tão alto acima das pessoas, tenha sabido resistir às tentações da ambição e não tenha cessado de se interessar vivamente pela “*gente simples*”.

Havia nele uma espécie de magnetismo que atraía os corações e as simpatias dos homens do trabalho. Não falava italiano, mas os pescadores de Capri, que tinham visto Chaliapine e muitos outros Russos notáveis, por meio de não sei que percepção, colocaram imediatamente Lénine num lugar aparte. Ele tinha um riso encantador, “*cordial*”, o riso de um homem que, vendo perfeitamente a inépcia da estupidez humana e as habilidades acrobáticas da razão, sabia gozar da ingenuidade infantil dos “*corações simples*”.

O velho pescador Giovanni Spadaro dizia dele:

- Só um homem honesto pode rir assim.

Balançando-se no barco, sobre a vaga azul e transparente como o céu, Lénine aprendia a pescar “*a dedo*”, com o fio sem cana de pesca. Os pescadores explicavam-lhe que era preciso puxar logo que o dedo sentisse tremer a linha.

- Così: Drin, drin. Capisce?

Um peixe ferrou imediatamente, ergueu-o e gritou com o entusiasmo de uma criança, o arrebatamento de um caçador:

- Ah, ah! Drin-drin!

Os pescadores explodiram num riso ensurdecido e alegre, também eles como crianças, e alçunharam o pescador:

- Signor Drin-drin.

Quando se foi embora perguntavam muitas vezes por ele:

- Como vai o senhor Drin-drin? O czar não o vai prender, hem?

Plekhanov também veio a Capri, mas não me recordo se foi antes ou depois de Lénine.

Vários exilados que viviam em Capri – o escritor N. Oliguer, Lorenz-Metner, condenado à morte por ter organizado uma insurreição em Sotchi, Pavel Vigdortchik e, creio, outros dois ainda – queriam falar com Plekhanov, mas ele recusou: estava no seu direito, estava doente e tinha vindo descansar. Mas Oliguer e Lorenz disseram-me que o tinha feito sob uma forma muito desagradável para eles. O nervoso Oliguer afirmava que Plekhanov tinha falado do seu cansaço “*da abundância de pessoas desejosas de falar, mas incapazes de agir*”. Estando em minha casa, recusou-se efetivamente a ver fosse quem fosse da colónia de emigrados do lugar; Vladimir Ilitch viu toda a gente. Plekhanov não perguntava nada, já sabia tudo e dizia-o ele próprio. Muito dotado, à russa, educado à europeia, gostava de brilhar com uma boa piada; creio que era justamente para fazer boas piadas que ele sublinhava cruelmente os defeitos dos camaradas estrangeiros e russos. Parecia-me que as suas piadas nem sempre eram conseguidas; a memória só guardou estas: “*Mehring, o imoderadamente moderado*”; “*Enrico Ferri é um impostor; ele não tem nem uma grama de ferro*”. E o resto, do mesmo género. Em geral, mostrava-se condescendente com as pessoas, não como um deus, bem entendido, mas algo semelhante. Escritor extremamente dotado, fundador do partido, despertou em mim um profundo respeito, mas não simpatia. Havia nele demasiado “*aristocratismo*”. Talvez me engane no meu julgamento. Não tenho especial afeição pelos erros, mas, tal como todos os homens também me engano. Um facto incontroverso é este: raramente encontrei dois homens tão diferentes como Plekhanov e Lénine. E isso é natural: um

acabava a sua obra de destruição do velho mundo, o outro já tinha começado a edificar o mundo novo.

A vida é organizada com uma habilidade tão diabólica, que se não se sabe odiar, é impossível amar sinceramente. Só por si, esta necessidade de desdobrar a alma, que deforma fundamentalmente o homem, essa lei do amor através do ódio condena à destruição as condições atuais da existência.

Na Rússia, nesse país onde se prega a necessidade do sofrimento como uma panaceia para a “*salvação da alma*”, nunca encontrei, nunca conheci quem sentisse tão profundamente, tão fortemente como Lênine, ódio, aversão e desprezo pela infelicidade, o envilecimento, o sofrimento dos homens.

Esses sentimentos, esse ódio pelos dramas e pelas tragédias da vida, erguem muito alto, a meus olhos, Vladimir Lênine, homem de um país onde se escrevem os mais belos evangelhos para glorificar e santificar o sofrimento e onde os jovens aprendem a viver em livros cheios de descrições, no fundo monótonas, de dramas quotidianos, mesquinhos. A literatura russa é a mais pessimista da Europa; entre nós todos os livros tratam apenas um único assunto: como sofremos, na nossa juventude e na idade madura, pela falta de razão, pelo jugo da autocracia, por causa das mulheres, pelo nosso amor ao próximo, por causa da má organização do universo; na nossa velhice, com a consciência dos erros cometidos na nossa vida, com a falta de dentes, com as más digestões e com a obrigação de morrer.

Qualquer russo que tenha cumprido um mês de prisão por “*política*”, ou vivido um ano no exílio, considera um dever sagrado gratificar o seu país com um livro de memórias sobre os seus sofrimentos. E ninguém, até agora, pensou em escrever um livro acerca do modo como conseguiu regozijar-se toda a vida. E como o russo tem o hábito de inventar uma vida a si mesmo, mas não sabe muito bem realizá-la, é muito provável que um livro sobre uma vida feliz lhe ensinaria a inventar uma vida desse tipo.

Para mim, o que havia de excepcionalmente grande em Lênine, era precisamente esse sentimento de ódio implacável, inextinguível, para com as infelicidades dos homens, a sua fé extraordinária na verdade de que a infelicidade não é a base imutável da vida, mas sim uma ignomínia que os homens devem e podem varrer para longe deles.

Chamarei a esse traço fundamental do seu carácter um otimismo militante de materialista. Era ele que atraía especialmente a minha alma para esse homem, Homem com maiúscula.

Em 1917-18, as minhas relações com Lênine estavam longe de serem tal como eu as teria desejado, mas não podia ser de outro modo.

Era um homem político. Possuía perfeitamente essa precisão, essa agudeza de olhar indispensável ao piloto de um barco tão grande, tão pesado, como a Rússia camponesa.

Tenho pela política uma aversão orgânica e não creio nada na razão das massas em geral, nem das massas camponesas em especial. A razão que não é organizada pela ideia, não é ainda a força que fornece à vida um elemento criador. Na razão da massa não há ideia enquanto ela não possui consciência da comunidade dos interesses de todos os indivíduos.

Durante milénios, o que a fez viver foi a aspiração a uma vida melhor, mas essa aspiração criou-lhe na carne os gananciosos que a escravizam e vivem do seu sangue, e será assim tanto tempo quanto o preciso para que compreendam que no mundo há somente uma única força capaz de a libertar do cativeiro onde a mantém os ambiciosos: a força da verdade de Lénine.

Quando em 1917, Lénine chegou à Rússia e publicou as suas “teses”, pensei que ele sacrificava aos camponeses russos todo o exército, insignificante em número, mas heroico, dos operários politicamente educados, e todos os intelectuais sinceramente revolucionários. Essa força atuante, única na Rússia, ia ser lançada como um punhado de sal no pântano insípido do campo; ali fundiria, deixar-se-ia absorver sem deixar rasto, sem ter mudado nada do espírito, dos costumes e da história do povo russo.

Os intelectuais da ciência e das técnicas e, de um modo geral, os intelectuais qualificados eram, na minha opinião, essencialmente revolucionários e constituíam, com os intelectuais operários socialistas, a força mais preciosa que a Rússia tinha amassado. Na Rússia de 1917, eu não via outra força capaz de tomar o poder e de organizar o campesinato. Mas essa força, insignificante em número e fragmentada por contradições, não podia levar a cabo a sua tarefa senão com a condição de estar solidamente e intimamente unida. Tinha diante de si uma missão grandiosa: triunfar sobre a anarquia do campo, educar a vontade do aldeão, ensiná-lo a trabalhar inteligentemente, transformar-lhe a exploração agrícola e, deste modo, impulsionar rapidamente o país; nada disso se torna possível se os instintos do campo não forem submetidos à razão organizada da cidade. Eu considerava que a primeira tarefa da revolução era a de criar condições que favorecessem o impulso das forças culturais no país. Foi com esse objetivo que propus abrir em Capri uma escola para os operários, e durante esses anos de reação, de 1907 a 1913, apliquei-me, na medida das minhas forças, a fazer subir de qualquer maneira o moral dos proletários.

Foi com essa finalidade que, imediatamente após a revolução de fevereiro, se fundou na primavera de 1917 a “*Associação livre para o desenvolvimento e a propagação das ciências positivas*”, instituição que tinha como tarefa, por um lado, organizar na Rússia institutos de pesquisas científicas, e por outro, vulgarizar largamente e constantemente conhecimentos científicos e técnicos, nos meios operários. À cabeça dessa associação tinham-se colocado sábios eminentes, membros da Academia das Ciências, tais como V. Steklov, L. Tchugaw, Fersman, S. Kostytchev, A. Petrovski e outros. Recolhiam-se fundos ativamente. S. Kostytchev já estava à procura de um local para a instalação de um instituto de zoologia e botânica.

Para melhor compreensão direi que eu tinha sido, toda a minha vida, oprimido pela predominância esmagadora do campo ignorante sobre a cidade, pelo individualismo

animal do camponês e a quase completa ausência nele de emoções sociais. A ditadura de operários politicamente instruídos, estreitamente unidos aos intelectuais da ciência e da técnica, era, na minha opinião, a única saída possível para aquela situação difícil, particularmente agravada pela guerra, que tinha agravado ainda mais a anarquia dos campos.

Eu não estava de acordo com os comunistas quanto à apreciação do papel dos intelectuais na revolução russa – preparada precisamente por eles – dos quais faziam parte igualmente todos os “*bolcheviques*” que educaram centenas de operários num espírito de heroísmo social e de alta intelectualidade. Os intelectuais russos – cientistas e operários – foram, são e serão por muito tempo ainda, o único cavalo de tração, atrelado ao pesado carro da história russa. Apesar de todos os abanões e impulsos que têm suportado, a razão das massas populares mantém-se ainda como uma força que tem de ser dirigida de fora.

Assim pensava eu há treze anos e assim me enganava. Seria bom poder suprimir essa página das minhas memórias. Mas “*o que a pena escreveu nem um machado poderá apagar*”. Além disso “*nós tiramos ensinamentos dos nossos erros*”, como Lênine dizia frequentemente. Que os leitores conheçam, pois, o erro que cometi. Possa ele servir de lição aos que têm tendência a tirar das suas observações, conclusões apressadas.

Evidentemente, após uma série de sabotagens infames da parte de certos especialistas, fui obrigado a rever a minha atitude relativamente aos trabalhadores da ciência e da técnica. Essas revisões são penosas sobretudo quando já não se é novo.

A profissão dos honestos chefes do povo é de uma dificuldade sobre-humana. É verdade que a resistência à revolução que Lênine chefiava, tinha sido mais largamente e mais fortemente organizada. Além do mais, é necessário ter em conta o facto de que, com o progresso da “*civilização*”, o preço da vida humana desce manifestamente, o que atesta indiscutivelmente o desenvolvimento, na Europa Moderna, da técnica da destruição dos homens e do gosto por esse género de ocupação. Mas, digam-me em consciência: a que ponto é justificada, e não é demasiado odiosa, a hipocrisia desses “*moralistas*”, que falam da ferocidade sanguinária da revolução russa, depois de eles próprios, durante os quatro anos da infame carnificina europeia, não só não terem piedade dos milhões de homens que exterminavam, mas ainda os excitaram por todos os meios “*até à vitória total*” dessa guerra ignóbil? Hoje, as “*nações civilizadas*” estão desfeitas, esgotadas, regressam à barbárie; venceu a loucura universal; os seus apertados nós estrangulam os homens até hoje.

Muito se falou e escreveu sobre a crueldade de Lênine. Evidentemente, não me posso permitir a ridícula falta de tato de o defender contra a mentira e a calúnia. Sei que em política os filisteus fizeram da mentira e da calúnia um método legítimo, um processo corrente de luta contra o inimigo. Entre os grandes homens deste mundo, talvez não se encontre um único que não se tenha tentado arrastar pela lama. É notório.

Por outro lado, todos os homens têm tendência, não só a fazer baixar até ao seu nível de compreensão os homens eminentes, mas também a calcá-los aos pés, nessa lama movediça e envenenada que eles intitulam, depois de a terem criado, a “*vida quotidiana*”.

Lembro-me, com desgosto, do seguinte facto: em 1919, em Petersburgo, reuniu-se o congresso dos “*camponeses pobres*”. Vários milhares de camponeses vieram das províncias do norte da Rússia, e algumas centenas foram alojados no Palácio de Inverno dos Romanov. Terminado o Congresso e uma vez regressados esses hóspedes às suas terras, verificou-se que eles tinham sujado não só as banheiras do palácio, mas também uma enorme quantidade de preciosos vasos de Sévres, de Saxe e do Oriente, utilizando-os como vasos de noite.

Não tinham sido forçados a isso pela necessidade: os gabinetes sanitários do palácio estavam em perfeita ordem e a canalização funcionava. Não, esse vandalismo era a expressão do desejo de estragar, de envilecer as belas coisas. Durante as duas revoluções e a guerra, observei centenas de vezes entre os homens essa tendência obscura e rancorosa para quebrar, desfigurar, escarnecer, aviltar o belo.

Não se deve pensar que é o meu ceticismo em relação ao camponês que me leva a sublinhar a conduta daqueles congressistas; não, eu sei que esse desejo doentio de manchar o que é belo afeta igualmente certos grupos de intelectuais, os dos exilados, por exemplo, que parecem acreditar que pelo facto de já não habitarem na Rússia, não existe já nesta nada de bom.

Este desejo feroz de danificar objetos de uma beleza excepcional tem a mesma origem que o ignóbil desejo de rebaixar a todo o custo um homem que está acima do normal. Tudo o que sai da estrita normalidade impede os homens de viver como querem. Os homens aspiram – se é que têm alguma aspiração –, não a uma alteração fundamental dos seus hábitos sociais, mas apenas ao seu alargamento. O grito e o clamor essenciais da maioria é: “*Não nos impeçam de viver conforme os nossos hábitos!*”

Vladimir Lênine é o homem que impediu as pessoas de viverem a sua vida habitual, como ninguém o tinha sabido fazer até aí.

O ódio que a burguesia mundial tem por ele expõe-se odiosamente, as suas manchas lívidas e pestilenciais brilham por toda a parte com reflexos evidentes. Odioso em si mesmo, este ódio mostra-nos até que ponto é grande e terrível, aos olhos da burguesia mundial, Vladimir Lênine, inspirador e chefe dos proletários de todo o mundo. Ele já não existe fisicamente, mas a sua voz faz-se ouvir cada vez mais forte, mais vitoriosa para os trabalhadores do globo, e não existem sítios na terra onde essa voz não estimule a vontade do povo operário em fazer a revolução, em criar uma vida nova, em edificar um mundo de homens iguais. Os discípulos de Lênine, os herdeiros da sua força, trabalham para uma grande obra, cada vez com mais segurança, firmeza e sucesso.

A vontade de vida que nele se manifestava com intensidade e o seu ódio ativo pelos horrores da existência encantavam-me. Eu admirava a paixão juvenil que ele punha

em tudo o que fazia. A sua capacidade sobre-humana de trabalho pasmava-me. Os movimentos eram suaves, corretos, e o gesto, raro mas seguro, harmonizava-se perfeitamente com a sua linguagem, avara de palavras, mas rica de pensamentos. E no rosto, de tipo mongol, brilhavam e flamejavam aqueles olhos agudos de combatente infatigável contra a mentira e os males da vida; chamejavam, pestanejavam, sorrindo ironicamente ou faiscando de cólera. O brilho daqueles olhos conferia às suas palavras ainda mais ardor e limpidez.

Por vezes eu tinha a impressão de que a indomável energia do seu espírito jorrava-lhe dos olhos, como faíscas, e que, carregadas com essa energia, as palavras brilhavam no ar. A linguagem dele dava sempre a sensação física de uma verdade irrefutável.

Era estranho e insólito ver Lénine passear no parque Gorki, a tal ponto a sua imagem se tinha confundido com a de um homem sentado na ponta de uma longa mesa, sorridente, com os seus olhos vigilantes de piloto, dirigindo com conhecimento de perito, com destreza as discussões dos seus camaradas, ou então, de pé, em cima de um estrado, a cabeça atirada para trás, dirigindo à multidão atenta, aos olhos ávidos dos homens esfomeados de verdades, palavras simples e claras.

Elas faziam-me sempre lembrar o brilho frio dos pedaços de metal.

Dessas palavras nascia, com uma surpreendente simplicidade, a imagem artisticamente modelada da verdade.

...